



## Quixadá e o golpe de 1964: memórias (des) encontradas em face ao novo regime

Quixadá and the coup of 1964: memories (un) founds in face to  
the new regime

**Danilo Vieira Coelho**

Mestrando em História

Universidade Estadual do Ceará

danilo.vieira@aluno.uece.br

**Recebido em:** 04/07/2017

**Aprovado em:** 11/09/2017

**RESUMO:** Neste artigo, são analisadas algumas memórias forjadas na cidade de Quixadá, no Sertão Central do Ceará, sobre o golpe civil-militar que interrompeu o processo democrático brasileiro em 1964. Buscaremos investigar como diversificados sujeitos sociais encararam a instalação da ditadura, bem como as relações estabelecidas com o regime. Utilizaremos como fontes principais entrevistas realizadas com moradores de Quixadá que vivenciaram o período, buscando evidenciar suas diversas experiências durante os tempos de autoritarismo. O arcabouço de narrativas coletadas mostrou um conjunto de memórias que se confrontavam, numa disputa de sentidos, significados, visões e percepções sobre o mesmo momento histórico. Neste sentido, a pesquisa se apresentou como reveladora, em virtude do silêncio que recobre todo esse período em Quixadá, até agora, minimamente trabalhado pela historiografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória, Cidade, Golpe de 1964.

**ABSTRACT:** In this article, we analyze some memories forged in the city of Quixadá, in the Sertão Central of Ceará, about the civil-military coup that interrupted the Brazilian democratic process in 1964. We will investigate how diverse social persons have faced the installation of the dictatorship, as well as the relations established with the political regime. We will use as main sources interviews with residents of Quixadá who lived the period, seeking to highlight their diverse experiences during times of authoritarianism. The framework of collected narratives showed a set of memories that confronted each other, in a dispute of meanings, visions and perceptions about the same historical moment. In this sense, the research is revealing, due to the silence that covers all this period in Quixadá, until now, minimally worked by historiography.

**KEYWORDS:** Memory, City, 1964 Coup.



## Introdução

São conhecidas as artimanhas da memória. Imersa no presente, preocupada com o futuro, quando suscitada, a memória é sempre seletiva. Provocada revela, mas também silencia.<sup>1</sup>

O trabalho aqui proposto pretende analisar memórias de moradores da cidade de Quixadá que vivenciaram a instauração do regime militar no país em 1964. Adotando a metodologia da História Oral, procuramos forjar uma discussão sobre as memórias socialmente construídas no município durante o golpe de Estado que depôs o presidente brasileiro João Goulart. Durante a pesquisa, serão utilizados principalmente trechos de quatro entrevistas realizadas no ano de 2015 com sujeitos sociais que vivenciaram aquele período.

Tomando como foco analítico principal Quixadá, média cidade do Sertão Central do Ceará, privilegamos os depoimentos de indivíduos que tiveram suas experiências marcadas pelo convívio no cenário político-social quixadaense nos momentos anteriores e posteriores ao golpe. Através de uma análise sobre as falas coletadas, notamos sobremaneira diferentes representações e discursos dos moradores locais em relação ao movimento golpista.

Entre as várias narrativas, algumas delas entravam em amplo embate com a memória oficial. Nesses casos, a imagem com a qual nos deparamos no início da pesquisa, de Quixadá como uma cidade que não sofreu arbitrariedades dos militares e perseguições políticas no momento de instalação do novo regime, caía por terra. A força simbólica desse discurso apontava para muitas outras histórias, além das tratadas pela historiografia local. Fornecia assim, pistas sobre uma cidade até então desconhecida pelos próprios moradores que presenciaram a época. Dava informações sobre possíveis atingidos pela repressão política, o posicionamento das elites municipais em relação ao golpe, seus desdobramentos em Quixadá etc.

No que diz respeito aos entrevistados, abordaremos aqui o memorialista e escritor João Eudes Costa, o ex-vereador José Lopes Filho, o músico e artista plástico Raimundo Waldizar Viana e, por último, o trabalhador rural e sindicalista João Ventura dos Santos. Foi utilizada no transcorrer do trabalho também outra entrevista pertencente a outro acervo histórico.<sup>2</sup> A escolha dos entrevistados levou em conta principalmente aqueles indivíduos que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao período do golpe de 1964,

---

<sup>1</sup> REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). **O golpe e a ditadura militar**: quarenta anos depois (1964-2004). Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 119.

<sup>2</sup> Destaca-se a entrevista com a dona de casa Alserina de Menezes Correia de Lima que se encontra arquivada no acervo da *Associação 64/68 Anistia*. Esta reúne informações sobre sujeitos perseguidos pelo regime militar no Ceará.



procurando evidenciar a complexidade das experiências sociais relatadas. Levamos em conta também outros personagens que vieram à tona a partir do contato com a memória de nossos entrevistados.

Tendo isso em vista, tentaremos mostrar num quadro mais complexo os reflexos do golpe, de forma que nos seja possível perceber as relações da sociedade quixadaense com o mesmo. As muitas versões sobre esse acontecimento histórico e seus desdobramentos em Quixadá que tivemos acesso através das entrevistas, denotam os significados do golpe presentes nas memórias de nossos narradores. Significados estes que tentaremos interpretar e dialogar no decorrer desse trabalho, procurando iluminar as “zonas cinzentas”<sup>3</sup> que encobrem os tempos de ditadura na cidade.

Considerando essas reflexões, as páginas que se seguem são destinadas a interpretar e problematizar um emaranhado de sentidos sociais e políticos sobre o golpe, colocando em evidência múltiplas representações do passado compostas a luz da experiência social, material e histórica de cada um de nossos interlocutores.

### **O golpe de 1964 entre histórias e memórias**

Então aqui no Nordeste o pessoal, num vou dizer que todos eram analfabetos, tem não, tinha muitas pessoas de valor, mas a maioria era indiferente a esse movimento. Pra eles tanto fazia uma coisa quanto outra ne? Mas de qualquer maneira, havia as pessoas mais esclarecidas que sempre era contra o período de ditadura ne?<sup>4</sup>

Com as palavras acima o memorialista quixadaense João Eudes Costa começou a tecer em sua narrativa um olhar acerca da ditadura dos badalados anos de 1960. Em seu relato, observa-se que além de descrever questões relacionadas ao nível de escolaridade da população quixadaense à época, busca destacar com ênfase que grande parte das pessoas, na sua concepção, seriam indiferentes aos acontecimentos que ocorriam no cenário político nacional, a exemplo do movimento golpista que depôs João Goulart em 1964.

Nesse período, com 30 anos de idade, João Eudes era funcionário do Banco do Brasil desde os seus 18. Trabalhou nessa instituição por 31 anos até sua aposentadoria. Atualmente é membro e fundador da Academia Quixadaense de Letras (AQL), além de escritor de diversos livros sobre a história da cidade, a exemplo de *Retalhos da História de Quixadá*, uma de suas obras mais conhecidas

---

<sup>3</sup> LABORIE, Pierre. Memória e opinião. In: AZEVENDO, Azevedo; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 84.

<sup>4</sup> Depoimento de João Eudes Costa de 81 anos idade. Entrevista realizada pelo autor em Quixadá, em 25/09/2015.



e que ocupa um lugar importante perante os estudos que se debruçam sobre o processo histórico quixadaense.

Apresentado na cidade como um historiador local, embora não se reconheça como tal, pois alega não ter essa formação, João Eudes representa uma das pessoas mais conhecidas em Quixadá. Sua memória é profundamente marcada pela escrita de seu livro, primeira obra historiográfica disseminada massivamente nas repartições públicas, a começar pelas escolas da cidade e pela FECLESC/UECE<sup>5</sup>, um dos principais centros de formação de historiadores do Sertão Central cearense. Tudo isso contribuiu de forma significativa para que seu livro se tornasse uma referência para pesquisas que abordam a história local. De acordo com o historiador Nathan Pereira Barbosa:

Essa importante obra historiográfica procurou construir um discurso alicerçado em aspectos morais, religiosos, regionalistas e naturais, sobre o que seria ser “quixadaense”, “sertanejo”, “cearense” e “brasileiro”. Por isso, se entende que se trata de um livro que contribuiu para a construção de um imaginário local generalizante e reprodutor de mitos e estereótipos. [...] Sua obra ganhou aos poucos um status de história oficial por intermédio de um tipo específico de discurso e das diversas estratégias de legitimação e aproximação com os políticos locais.<sup>6</sup>

Nas narrativas de João Eudes percebemos visivelmente seu gosto e empolgação ao falar da história do município, em especial do contexto político, demonstrando que a “memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”<sup>7</sup>. Durante as entrevistas é notório seu olhar atento aos questionamentos, os detalhes das perguntas, a calma em respondê-las. Sentado no sofá da sala de sua casa, que, aliás, costuma ser frequentada por pessoas de escalas econômicas variadas da sociedade, evitava relatar questões que tivessem ligações com o cenário político atual. Embora não tenha tido envolvimento direto com a política, seu círculo de sociabilidade variava desde políticos a intelectuais, contribuindo para que se tornasse um sujeito com certa influência nas decisões relativas à cidade de Quixadá.

Assim, no momento do golpe, aparecerá como conselheiro de alguns políticos locais, como é o caso do industrial e prefeito da cidade José Okka Baquit, evidenciando sua posição enquanto intelectual atuante e influente nos bastidores políticos da década de 1960. Notamos sua proximidade com o meio político quando recordou sobre informações relativas ao golpe:

Nós tomamos conhecimento de detalhes porque eu era muito amigo da Rachel de Queiroz, e fui exatamente com o José Baquit fazer uma visita a ela. E o Jânio

<sup>5</sup> Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará.

<sup>6</sup> BARBOSA, Nathan Pereira. **Memorialistas do Sertão Central**: memória, identidade, cultura historiográfica e legitimação do discurso em Quixadá e Quixeramobim (1992-2002). 182 f. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) - Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2015, p.79.

<sup>7</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. p. 04.



Quadros tinha renunciado. Naquele tempo da renúncia do Jânio Quadros, ele prometeu dizer o motivo da renúncia. Aí nós fomos pra Rachel de Queiroz, e ela tinha marcado pra 7 horas numa rádio, rádio nacional do Sul ne? E a Rachel de Queiroz disse: num vão não que ele num vai dizer nada não, aí contou todos os detalhes, aí eu estava lá em casa com general fulano de tal que era muito amigo nosso. Aí ele recebeu um telefonema que fosse imediatamente que o Jânio Quadros ia renunciar. O PSD que era o partido da oposição já tinha preparado porque ele mandou o vice-presidente o Jango pra uma missão lá na China. E então ele renunciando quem ia assumir era o presidente do Congresso que era Ranieri Mazille parece se eu num tô enganado. Então ficou isso em segredo, aí na hora o Jânio Quadros renunciou, fingir uma viagem pra voltar como ditador ne? Mas aí quando ele chegou no aeroporto já tava a notícia que o Ranieri Mazille já tinha assumido a presidência da República (Grifos nossos).<sup>8</sup>

Essa passagem de memória revela alguns traços das relações estabelecidas por João Eudes com outros intelectuais de bastante influência na cidade de Quixadá, a exemplo de Rachel de Queiroz, escritora de renome nacional, pertencente a uma tradicional família local. Essa escritora, vale destacar, além de ter demonstrado abertamente apoio ao golpe de 1964, mantinha vínculos diretos de amizade com os militares, como no caso de Castelo Branco, um dos principais articuladores do movimento golpista. Em sua obra autobiográfica, intitulada *Tantos Anos*, Rachel de Queiroz descreve da seguinte forma o que teria acontecido para ela em 1964:

O golpe de 31 de março a gente previu, mas não se foi avisado de nada. Nem se tinha como avisar. Antes, quando ele estava ainda em Pernambuco, o general Castelo, quando vinha ao Rio, nos telefonava e ia lá em casa para saber se a gente “estava conspirando”. Eu perguntava aos outros como é que eu faria quando ele viesse e fizesse indagações. Eles diziam: “Conta logo tudo, o que a gente quer é que ele se comprometa. [...] Como eu já disse, nós estávamos no Ceará, no sertão. Logo depois recebemos um telegrama dele assinado marechal Humberto de Alencar Castelo Branco.”<sup>9</sup>

Dessa forma, enquanto partícipe desse processo, Rachel de Queiroz assume uma posição de destaque como uma das principais defensoras da intervenção militar. No trecho acima extraído de sua obra, percebe-se que é montado um verdadeiro cenário para a descrição da trama do golpe, utilizando uma narrativa de suspense, em que se intercalam reuniões e telefonemas durante a conspiração golpista, vivenciada pela escritora, quando estava no Sertão do Ceará. Em seus posicionamentos políticos, Rachel de Queiroz enxergava o presidente deposto João Goulart não como um legítimo representante da nação brasileira, mas como um profundo herdeiro das tradições trabalhistas de Vargas, um de seus principais inimigos políticos. Tais aspectos talvez forneçam uma chave explicativa para a percepção dos motivos que levaram a escritora a demonstrar simpatia e apoio ao golpe civil-militar. Apoio este, como é importante lembrar, que se estendeu aos anos

<sup>8</sup> Depoimento de João Eudes Costa em 25/09/2015.

<sup>9</sup> QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M<sup>a</sup> L. de. **Tantos anos**. Rio de Janeiro: ARX, 1998, p. 205.



posteriores a 1964.

Nesse sentido, percebemos que as relações de João Eudes com os altos escalões golpistas conferem sentido a algumas de suas considerações sobre o regime de 1964. No caso específico do golpe, entre algumas de suas colocações, destacou em sua narrativa que a cidade de Quixadá fora beneficiada com o golpe, principalmente no campo educacional:

Agora a revolução em Quixadá, quando eu fui escrever esse livro tomei conhecimento de uma coisa importantíssima. Fora os colégios ali do instituto Sagrado Coração de Jesus das irmãs e o colégio é Valdemar de Alcântara que chamava o colégio do padre, fora esses dois colégios que tinha era o primeiro e segundo grau, que tinham sido fundados é, pelo padre Luiz Braga Rocha, o vigário que foi dom Adélio da geração passada aqui no Quixadá. Todos os outros colégios foram criados no período da revolução. O estadual, municipal, Nemézio de Bezerra Filho, o José Martins Rodrigues. Enfim, todas as escolas daí então foram fundadas na revolução.<sup>10</sup>

Nesse depoimento, ocorre um entrecruzamento entre as memórias do entrevistado com informações obtidas durante o processo de elaboração de seu livro *Retalhos da História de Quixadá*, misturando as fontes de suas lembranças. Diante disso, João Eudes recorre a outros elementos culturais para realizar a composição de suas memórias, estabelecendo assim condições para sua legitimidade<sup>11</sup>. Sua narrativa também expõe uma questão pertinente e pouco elucidada no cenário local: a construção e fundação de uma série de instituições escolares em Quixadá nos pós-1964. Isto está relacionado em grande parte à preocupação do Estado em promover uma modernização conservadora através de uma educação cívica sob a ótica da Doutrina de Segurança Nacional, em contrapartida a uma descaracterização e esvaziamento do ensino de Ciências Sociais e Humanas nas escolas de ensino fundamental, médio e superior, como mostrou a historiadora Selva Guimarães Fonseca.<sup>12</sup>

Dessa maneira, percebemos que as narrativas de João Eudes exprimem além do engrandecimento dos grupos políticos dominantes, a posição de um sujeito social que acredita que os impactos do golpe e da ditadura recaíram em maiores proporções sobre cidades que detém de um poderio econômico maior, a exemplo do eixo Rio-São Paulo. Para ele “a cidade quanto maior, mais evoluída, mais tem divergências de opiniões ne?”<sup>13</sup>. A narrativa engendrada pelo narrador representa uma memória hegemônica sobre o golpe na cidade de Quixadá, ou seja, uma memória

---

<sup>10</sup> Depoimento de João Eudes Costa em 25/09/2015.

<sup>11</sup> MAIA, Edmilson Alves. **Memórias de luta**: ritos políticos do movimento estudantil universitário (Fortaleza, 1962-1969). Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 156.

<sup>12</sup> FONSECA, Selva Guimarães. O ensino de História e o golpe militar de 1964. In: Seminário 40 anos do Golpe de 1964. **1964-2004**: 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência no Brasil. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004, p. 369.

<sup>13</sup> Depoimento de João Eudes Costa em 25/09/2015.



que prevalece em relação as outras, utilizando sobretudo o aporte escrito como forma de se legitimar.

Seus depoimentos em relação ao golpe se assemelham em alguns aspectos aos elencados pelo ex-vereador José Lopes Filho. Do mesmo modo que João Eudes, José Lopes destaca nas narrativas que as manifestações contraditando o golpe e o regime militar ocorreram de maneira mais consistente noutras regiões do país

Tinha as revoltas lá pro Sul, Sudeste. Guerrilha contra as Forças Armadas aquela coisa. [...] Aqui em Quixadá não teve movimento nenhum. Nem de comunista, e nada contra ninguém. [...] Em tempo nenhum houve essas coisas de revoltas, movimentos. Mesmo movimentos sociais de partidos políticos não, só em eleição.<sup>14</sup>

Recordou ainda que:

Na época da revolução foi de 31 de março de 64 então ficou todo mundo naquela aí depois quando foi passando. Tinha era aqui os militares, ainda houve reunião na Câmara. Eles inda vasculharam alguma coisa aqui atrás de comunista, num era essas coisas.<sup>15</sup>

José Lopes vinha exercendo o cargo de vereador na cidade desde 1962, quando foi eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Sua primeira eleição foi em 1958, quando residia em Banabuiú, distrito de Quixadá, que posteriormente seria elevado à categoria de cidade. Nesse local foi lançada sua candidatura ao cargo de vereador, sendo eleito em 1958 e assumindo o cargo em 1959. Foram seus primeiros passos pelo caminho da política e sua primeira eleição das sete consecutivas para vereador.

No momento do golpe, José Lopes exercia a função de presidente da Câmara dos Vereadores de Quixadá, onde permaneceu entre os anos de 1964 e 1965. Atualmente trabalha como comerciante no município, não mantendo vínculos diretos com a política local. Em suas narrativas notamos certa simpatia pela “ordem” instaurada no Brasil a partir do golpe de 1964. Nesse sentido, sua postura não se diferencia da compartilhada por outros vereadores atuantes na época. À primeira vista, quando questionado se foi favorável ao movimento golpista, recordou que:

Naquele tempo não. Eu vim do interior. Nasci e me criei no Sertão e não tinha ligação com política. Para mim era só o que a gente ouvia falar, mas hoje eu pensando nas coisa eu já acho que era necessário. Eu, por exemplo, se houvesse aquela coisa, eu era favorável. Porque as coisas andavam um pouco chafurdada. E os militares só pecaram numa coisa. Foi querer ficar por muito tempo. [...] Mas eu dou muito valor a ordem, as coisas quando tem ordem acho muito bonito. Você sabe de uma coisa, democracia é uma coisa muito importante. Que eu acho também que uma democracia pode ser exercida com ordem, com respeito, com

<sup>14</sup> Depoimento de José Lopes Filho de 84 anos de idade. Entrevista realizada pelo autor em Quixadá, em 09/09/2015.

<sup>15</sup> Depoimento de José Lopes Filho de 84 anos de idade. Entrevista realizada pelo autor em Quixadá, em 22/04/2015.



dignidade, com decência. Mas do jeito que a gente está mesmo não tem, num existe. Hoje em dia é tudo chafurdado. É mensalão, é tanta coisa. Coisas que ninguém sabe nem onde vai parar (Grifos nossos).<sup>16</sup>

Nessa passagem percebemos que José Lopes se vale de “experiências anteriores para julgar os fatos novos, sem precisar refazer as etapas de sua trajetória, analisando pela ótica adquirida as situações novas”<sup>17</sup>. Sua narrativa desde os primeiros trechos se encontra entrelaçada e influenciada por alguns acontecimentos políticos do presente, levando em conta que a memória se apresenta como uma instância em movimento, estando sempre sofrendo modificações em relação ao presente. Isso porque as “experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão”<sup>18</sup>. Num outro momento de seu relato José Lopes recordou ainda que:

O que eu sempre imaginava era o seguinte. Eles falavam mais nos comunistas. Então, houve a revolta e andaram se armando contra o exército, as Forças Armadas aí a coisa esticou. Porque guerra é guerra. Falam que houve muita morte, mas não. No meu modo de pensar num houve, num ouvia falar. As coisas foram para vamos dizer uma revolução, chamava-se sempre a revolução de 1964. Pra mim uma coisa pequena. Num foi coisa de muito reboliço. Agora esse povo que queriam mudar, davam a entender que queriam mudar era o regimento. Nós vivíamos num regime democrático naquela época, democracia.<sup>19</sup>

Essa narrativa apresenta um traço característico dos defensores do golpe: a busca constante em denotar o período da ditadura como democrático. Isso se repete em outros trechos de suas narrativas, na qual a apropriação de um discurso legitimador para o regime constitui um aspecto inteiramente visível. A atribuição do termo ‘revolução’ ao invés de golpe é elemento comum nas narrativas não somente de José Lopes, mas também de João Eudes. No entanto, essa sintonia de José Lopes com o golpe levanta questionamentos, já que ele foi eleito vereador em 1962 pelo PTB, partido do então presidente João Goulart.

José Lopes recordou ainda que durante o golpe “no decorrer do tempo foi que a gente viu alguma coisa, mas logo, imediato, ninguém viu nada. Por exemplo, os que torciam mais por essas coisas foram os que ficaram na ARENA [Aliança Renovadora Nacional]. Foi criado os dois partidos”<sup>20</sup>. Com o reordenamento partidário realizado em 1965 pelo presidente Castelo Branco, José Lopes ingressou no MDB (Movimento Democrático Brasileiro), novo partido criado

---

<sup>16</sup> Depoimento de José Lopes Filho em 09/09/2015.

<sup>17</sup> BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Azevedo; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria; QUADRAT, Samantha Viz. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 43

<sup>18</sup> THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto História**. N. ° 15, São Paulo: PUC, 1997. pp. 51-71. p. 57.

<sup>19</sup> Depoimento de José Lopes Filho em 09/09/2015.

<sup>20</sup> Depoimento de José Lopes Filho em 09/09/2015.





juntamente com a ARENA a partir da expedição do AI-2. Seus posicionamentos e narrativas por vezes soam contraditórios, visto que fazia parte do partido de oposição ao regime, mas seus discursos davam a entender que o Brasil estava no caminho “certo” com a consolidação do poder nas mãos dos militares. Nos depoimentos, é bastante perceptível que suas memórias adotam o discurso da ordem dos tempos da ditadura em contraponto ao caos do presente da democracia.

A questão de uma suposta “ordem” tida durante o regime militar brasileiro transita livremente no interior de seus relatos. Alguns desses elementos também estão presentes em narrativas do músico e artista plástico Raimundo Viana. De acordo com este:

No tempo da ditadura existia ordem, existia moral. Num sei todo mundo tinha moral, mas existia. Você podia sair daqui e sentar num banco de praça desse qualquer hora da noite, você num era molestado por ninguém naquela época porque existia aquele rigor né? Eu sei que era um rigor exagerado, mas existia. E hoje não você num pode mais chegar numa praça dessa e ficar num banco de praça até certas horas da noite que você vai assaltado qualquer hora da noite. No tempo da repressão, no tempo da ditadura num tinha isso não. Eu vou dizer que seja um medo, num sei, pode ser que seja um medo, mais você tinha medo de fazer mal os outros porque você era castigado ta entendendo? Se você fosse fazer um mal a uma pessoa ou qualquer coisa um crime você fazia, mais sabia que ia ser punido. Hoje, você faz mal, diariamente nós vemos o sujeito fazendo o mal às pessoas e não tem, num existe punição (Grifos nossos).<sup>21</sup>

Nesse relato, Raimundo Viana realiza uma comparação entre períodos temporais distintos, relatando questões que tem interesse em pontuar. Deste modo, “a seletividade de quem narra e o que narra é indissociável de valores e princípios que constituem e instituem a trama do relato a partir do presente”<sup>22</sup>. Seu testemunho ao se remeter a uma dimensão individual, possibilita enriquecer “a análise social tornando suas variáveis mais numerosas, mais complexas e também mais móveis”.<sup>23</sup>

No momento do golpe, Raimundo tinha 27 anos de idade e trabalhava numa loja de tecidos chamada Armazém Alvorada, onde permaneceu trabalhando entre os anos de 1960 a 1969. Não era casado e tinha uma paixão muito forte pela música, área na qual iria exercer trabalhos profissionais posteriormente. Chegou a participar da Banda de Música de Quixadá. Atualmente é compositor, músico e artista plástico na cidade, sendo responsável por realizar desenhos de capas

---

<sup>21</sup> Depoimento de Raimundo Waldizar Viana de 77 anos de idade. Entrevista realizada pelo autor em Quixadá, em 11/12/2015. Grifos nossos.

<sup>22</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. História e memória de lutas políticas. In: MONTENEGRO, Antônio Torres, RODEGHERO, Carla S., ARAUJO Maria Paula (Orgs.). **Marcas da memória: história oral da anistia no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 30.

<sup>23</sup> REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Tradução: Débora Rocha – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 23.



de livros bastante conhecidos, a exemplo de *Retalhos da História de Quixadá* de João Eudes Costa, seu amigo pessoal.

Em suas narrativas podemos constatar que, embora relate não ser muito atento aos acontecimentos políticos nacionais, sempre nos fornecia uma fagulha de memória sobre o período, na qual demonstrava seu entrelaçamento com o mundo político. Segundo ele “[...] nunca me liguei assim pra esse negócio de me amarrar na política, de saber o que é que tá acontecendo”<sup>24</sup>. Apesar de falar isso, na maior parte das vezes expunha claramente nas narrativas um universo de interações políticas. Em alguns momentos, demarcava nitidamente sua posição e visão social-política de Quixadá em tempos de ditadura. Em geral, os episódios narrados incluíam um repertório fixo de casos, que se intercalavam com suas experiências enquanto músico. Embora essas histórias, à primeira vista parecessem simplesmente de caráter descritivo, um olhar mais aprofundado mostrava que cada uma delas possuía um feixe de efeito que ajudava Raimundo Viana a memorizá-las.

Da mesma forma que João Eudes, demonstrava prazer em relatar suas memórias. Aos poucos, sentado na cadeira de seu ateliê, ao lado dos inúmeros quadros pintados retratando personagens conhecidos da cidade, ou construções históricas, ia compondo suas memórias e apresentando seus pontos de vista. Enfim, passou a descrever os significados daqueles tempos e suas experiências de convivência na sociedade brasileira com a presença do autoritarismo. Era comum nas suas narrativas, bem como nas do restante dos entrevistados a mistura entre elementos do presente com acontecimentos do passado. Para explicar essa questão concordamos com as palavras de Alistair Thomson ao destacar que:

A memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas”, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar), e como damos sentidos a elas são coisas que mudam com o passar do tempo.<sup>25</sup>

Notamos algumas dessas questões através das entrevistas realizadas com os moradores quixadaenses que presenciaram o golpe de 1964. A partir delas, pudemos ter acesso a um conjunto de experiências sociais que, mesmo tendo passado mais de cinquenta anos do golpe não estão plenamente perdidas, nem tão pouco estabelecidas. Assim, por ora, após essas indagações pertinentes para nosso debate, vale a pena retomar alguns pontos de destaque nas narrativas de Raimundo Viana. Apesar das flutuações que a memória passa em virtude do momento em que está

---

<sup>24</sup> Depoimento de Raimundo Waldizar em 11/12/2015.

<sup>25</sup> THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória**, p. 57.



sendo articulada ou expressa, notamos alguns detalhes pertinentes durante as entrevistas realizadas com esse entrevistado.

Diferente dos outros, quando questionado sobre os desdobramentos do golpe em Quixadá, atribuiu destaque para a presença de perseguições políticas na cidade. Recordou que “a gente via o que acontecia aqui. [...] Das perseguições, mas que houve aqui, perseguições houve. Houve mesmo. Quixadá era uma cidade considerada como uma cidade comunista”<sup>26</sup>. Algumas leituras podem ser retiradas desse curto, mas instigante fragmento de narrativa. Num sentido amplo, os trechos relatados permeiam e repetem-se constantemente quando o entrevistado recorda a pequena cidade de Quixadá nos anos de 1960, e nos períodos anteriores e posteriores. O fato de considerar a cidade como sendo comunista está relacionado a sua análise de que sempre existiu muitas pessoas de esquerda nesse município.

A palavra comunista funciona, neste sentido, como um sinônimo que indica, quase sempre, sujeitos que têm posições, posturas e comportamentos de esquerda. Exemplo que bem demonstra essas marcas da memória de Raimundo Viana pode ser notado quando rememora alguns traços políticos do prefeito de Quixadá na época José Baquit. Segundo ele “Quixadá era uma cidade que aqui tinha muita gente de esquerda. [...] O José Baquit ele tinha os ideais comunistas. [...] Assim, ele foi prefeito e tinha esse ideal de ajudar o próximo. Ele ajudou muito as pessoas pobres”<sup>27</sup>. Esse depoimento exemplifica melhor como o narrador intercala a utilização dos termos comunismo e esquerda para explicar características peculiares de Quixadá e de alguns políticos locais. Todos esses aspectos corroboraram conforme a memória do narrador para que a cidade sofresse intensa repressão política do regime militar. Em outro trecho de sua narrativa revelou o seguinte:

[...] naquele tempo a perseguição foi grande. Aqui tinha cara que fugia. Quando via rapaz a polícia vem aí, a polícia federal vem aí. Então aquela coisa. Então Quixadá toda vida foi assim, teve esse de comunismo ne? [...] A perseguição vinha mesmo viu! Vinha e aqui eles chegaram até a invadir, eles num invadiram casa não, mas chegaram tudo armado de fuzil. Chegar assim e escalar o fuzil.<sup>28</sup>

O modo relutante como Raimundo Viana conta suas memórias entra em disputa com a de outros narradores, a exemplo de João Eudes Costa. O ponto de embate entre seus depoimentos tem como eixo central as questões relacionadas às perseguições políticas em Quixadá. Isso decorre do fato de que, enquanto o primeiro destaca com ênfase sua ocorrência, o segundo, embora

---

<sup>26</sup> Depoimento de Raimundo Waldizar em 11/12/2015.

<sup>27</sup> Depoimento de Raimundo Waldizar em 11/12/2015.

<sup>28</sup> Depoimento de Raimundo Waldizar em 11/12/2015.



reconheça sua existência, ameniza de certa maneira sua intensidade. Em relato, João Eudes recordou que:

Aqui houve. Dizer que num houve perseguição não, houve desse pessoal que eu citei, mais num foi assim uma coisa assim de terror, de chegar assim na cidade e bater no povo como na ditadura Vargas, num era assim não. Eles sofreram pressão política. [...] Quer dizer essa agressão moral houve, mas assim pessoa individual né? Num houve na coletividade.<sup>29</sup>

Nesse trecho extraído da narrativa de João Eudes, percebemos além dos pontos de divergência em relação à memória de Raimundo Viana, também a existência de elementos que não estiveram presentes em nenhum momento nos depoimentos dos outros entrevistados, sobretudo quando narrou que a ditadura do Estado Novo (1937-1945) fora mais repressiva que a ditadura militar da década de 1960 em Quixadá. Interessante perceber que, nesse caso, o regime militar instaurado no país em 1964 não reprimiu alguns intelectuais de renome nacional e local que mantinham fortes laços de amizade com João Eudes, a exemplo de Rachel de Queiroz. Em contraponto a isso, durante o período estado-novista a referida autora sofreu enorme repressão, chegando a ser presa e ter seus escritos por vezes destruídos e proibidos. Levemos em conta, é claro, que a escritora adotou posicionamentos políticos divergentes nesses dois momentos da história política brasileira. No entanto, os fatores apresentados acima podem, de alguma maneira, terem influenciado a memória de João Eudes acerca da ditadura militar.

Na cidade de Quixadá, apesar de João Eudes “minimizar” algumas vezes os efeitos da ditadura, como evidenciam suas narrativas, em seu livro *Retalhos da história de Quixadá* mostra de maneira clara que as coisas não foram tão simples assim, já que várias pessoas da cidade de classes sociais das mais diversas foram interrogadas pelos militares como suspeitas de integrarem o esquema revolucionário do advogado e deputado estadual Francisco Julião, importante liderança das Ligas Camponesas no Estado de Pernambuco. Dentre estas se destacam o Dr. José Maria de Oliveira, promotor de justiça de Quixadá, porque tinha realizado uma viagem a Cuba, José Brás, funcionário do Banco do Brasil, Evandro Holanda, fazendeiro, Francisco Brasileiro Filho, estudante, Ribamar Ribeiro, funcionário público e José Alves Pereira<sup>30</sup> que era agricultor, sindicalista e vereador que teve seu mandato cassado pelo regime militar<sup>31</sup>. Alguns desses nomes aparecem em trechos da memória de nossos entrevistados ao rememorarem o período. Entre eles,

---

<sup>29</sup> Depoimento de João Eudes Costa em 25/09/2015.

<sup>30</sup> Não encontramos documentos referentes a sua cassação de mandato, no entanto, em uma operação militar realizada em 1964, visando a desestruturação dos sindicatos em Quixadá, José Alves Pereira é mencionado, já tendo sido preso em abril deste mesmo ano.

<sup>31</sup> COSTA, João Eudes. **Retalhos da história de Quixadá**. Fortaleza: Editora ABC, 2002, p. 347.



um em particular nos chamou atenção quando veio à tona na memória de Raimundo Viana, não havendo sido mencionado em outros depoimentos. Segundo ele:

E aqui tinha o Pio e também era comunista. [...] Ele era comunista de carteirinha. [...] Ele era sucateiro e tinha até um defeito. Ele era deficiente. Ele puxava de uma perna e tinha um braço morto. Ele era deficiente sabe? Ele vendia sucata ali na [rua] Tenente Cravo. Sucateiro numa maneira de dizer assim coisas de novas e usadas, coisa usada. Objeto que ele pegava e comprava barato para vender depois. Realmente vamos dizer um sucateiro mesmo. Esse aí também era pra valer. Era comunista. [...] Pois o Pio era conhecido rapaz.<sup>32</sup>

Pio Freire de Lima<sup>33</sup> foi preso em Quixadá, onde residia com sua família, entre os dias 31 de março e 1 de abril de 1964, portanto, logo nas primeiras horas após a deflagração do movimento golpista. De acordo com o depoimento concedido por sua esposa Alserina Lima ao membro da *Associação 64/68 Anistia* Mario Albuquerque:

Meu falecido marido foi preso duas vezes. [...] Ele sustentava a família com o que ganhava de uma sucata de venda de ferro velho e carvão. Nossa casa foi invadida pelo destacamento local da polícia militar, revirando tudo e deixando a casa na maior bagunça. Foi espancado na frente de todos, de vizinhos e curiosos e da família, inclusive de um filho pequeno que até hoje faz tratamento, tem problemas mentais, não sei se por conta desse episódio, de ver o pai sendo espancado e a casa toda revirada pela polícia. Pio Freire ficou mais ou menos 05 dias preso no quartel da Polícia Militar em Quixadá. A acusação era e que era subversivo e comunista e que atuava agitando os camponeses da região. Durante o período em que passou preso no quartel eu levava a comida dele todo dia, pois eles não davam, e ouvi dele que estava sendo muito pressionado para delatar os comunistas da cidade, esconderijos das armas e para incriminar o prefeito da época, Dr. Baquit, como pessoa ligada aos comunistas. Ameaçavam ele de manda-lo para o 23 BC, onde, diziam, os comunistas estão sendo fuzilados. Como nada provaram contra ele, foi solto. Porém a pecha de comunista ficou, o que trouxe muitos constrangimentos para ele e a família. O negócio da sucata sofreu prejuízo, as pessoas evitavam realizar negócios com ele e passámos por sérias dificuldades econômicas.<sup>34</sup>

Esse detalhado relato demonstra rastros da repressão desencadeada sobre alguns sujeitos nos momentos iniciais do golpe. Retrata de forma esmiuçada as experiências de uma mulher que teve sua vida, sua família e sua realidade social alterada em 1964. A partir daí a privação de liberdades e de defesa de seus ideais passa ser algo sólido na sociedade quixadaense. Mais do que isso, por ter seu marido estigmatizado pelos agentes militares como comunista e agitador, passa a ser vista com olhares “preconceituosos” por parte da população local. Por causa disso, talvez destacou que o negócio mantido com seu marido enfrentou problemas financeiros. Em alguns casos, os sujeitos taxados como comunistas eram mantidos sobre ampla vigilância, de modo que

<sup>32</sup> Depoimento de Raimundo Waldizar em 11/12/2015.

<sup>33</sup> Pio Freire faleceu em 1991 com 69 anos de idade.

<sup>34</sup> Depoimento de Alserina de Menezes Correia de Lima em 04/07/2016. *Arquivo Anistia 64/68*.



as ruas onde residiam passavam a serem locais obrigatórios de passagem da polícia<sup>35</sup>. Não temos indícios de que isso tenha ocorrido com Pio Freire, mas é algo que certamente não pode ser descartado.

Ainda no que diz respeito ao caso de Pio Freire, destaquemos que, como apontou anteriormente sua esposa, ele chegou a ser preso duas vezes, sendo a primeira em 1964. Já a segunda ocorreu em 1972, num dos momentos mais repressivos do regime militar brasileiro. Conforme o relato colhido de sua esposa:

A segunda prisão ocorreu em 1972, no seu local de trabalho, que continuava a sendo a sucata. Dessa vez a coisa foi pior, pois quem prendeu foi a Polícia Federal e levaram ele direto para Fortaleza. Não lembro mais quanto tempo ele passou lá, mas foi mais ou menos um mês. Visitei ele poucas vezes, umas três vezes, pois com o filho doente e a sucata para cuidar não poderia ausentar-me por muito tempo de Quixadá. Depois tinha uma advogada cuidando do caso, Dr. Wanda. Sei que na Polícia Federal ele foi torturado, soube por outras pessoas, pois a mim mesmo ele não disse nada, mas estava muito magro e abatido e com ar de assustado. Quando voltou para casa já não era mais o mesmo, descuidou da sucata, fugia do convívio social, andava meio esquivo e se assustava por qualquer coisa, principalmente quando entrava alguém em casa sem avisar.<sup>36</sup>

Nessa passagem, notamos como a tortura não somente física como também psicológica praticada pelos militares provocou transformações no cotidiano de Pio, a ponto de causar mudanças em seu comportamento e nas práticas sociais. Todas essas ações tiveram consequências marcantes em sua vida, a começar pela implantação de uma “política do medo”, acompanhada da perda dos meios de subsistência, gerando dificuldade para que conseguisse ser inserido novamente no mundo do trabalho. Sua prisão já no processo de implantação do golpe foi a única de que tomamos conhecimento. Depois de março de 1964, como vimos anteriormente, vários moradores da cidade de Quixadá serão interrogados como suspeitos de praticarem atos subversivos e manterem ligações com grupos comunistas. Isso se relaciona, de certo modo, com o que Raimundo Viana nos relatou ao descrever que:

Aqui tinha muito comunista. [...] Eu não estou dizendo. Ai eu também andei também querendo ser comunista, mas depois não dá para mim não. Mais naquele tempo a perseguição foi grande. [...] Aqui tinha cara que fugia. Quando via, rapaz a polícia vem aí, a polícia federal vem aí. Então aquela coisa. Então Quixadá toda vida foi assim, teve esse de comunismo, né?<sup>37</sup>

A presença consistente do comunismo em Quixadá representa, de longe um dos pontos mais tocados e evidentes nas narrativas de Raimundo Viana, em relação a memória de outros

---

<sup>35</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994, p. 129.

<sup>36</sup> Depoimento de Alserina de Menezes Correia de Lima em 04/07/2016.

<sup>37</sup> Depoimento de Raimundo Waldizar em 11/12/2015.



entrevistados. Seus depoimentos nos levam a entender que a presença de uma série de sujeitos considerados comunistas na cidade fazia com que ela fosse bastante visada pelas forças militares. Sobre essas questões José Lopes, numa postura semelhante à de Raimundo, nos relatou que com o desencadeamento do golpe os militares realizaram investigações na cidade de Quixadá com o intuito de identificar possíveis elementos comunistas.<sup>38</sup>

A maioria desses aspectos aparece nas narrativas de nossos entrevistados ao recordarem a época. É claro que com alguns pontos em comum, mas também com distinções, em virtude da multiplicidade de experiências vivenciadas. No dizer de Alessandro Portelli, a diversidade de memórias demonstra a singularidade dos sujeitos, bem como que “cada entrevista é importante por ser diferente de todas as outras”.<sup>39</sup>

Entre as narrativas que mais apresentam pontos divergentes está a do trabalhador rural e sindicalista João Ventura dos Santos. Ao falar de suas primeiras experiências a respeito do golpe de 1964, lembrou que não havia conhecimento da radicalização política que norteava o presidente brasileiro João Goulart por parte de diversos segmentos da sociedade no momento do levante militar. Sentado no sofá de sua casa, em uma quinta-feira à tarde, ao lado de sua filha, recordou sob um olhar atento que “[...] o trabalhador rural sabia de nada não, eles iam pelo que até os patrões dizia. Que acreditavam mais nos patrões do que qualquer outra coisa”<sup>40</sup>. Sua narrativa apresenta-se como um fio condutor na compreensão tanto das relações travadas entre proprietários de terra e trabalhadores rurais no período, como também fornece subsídios para entendermos que nem todos os sujeitos tinham uma noção clara, do que de fato ocorria no cenário político nacional em 1964. Recordou ainda que:

Aquela história de golpe militar, e de revolta tudo pro trabalhador ele não entendia. O que ele entendia era que alguém começou a dizer que o golpe militar não queria reforma agrária que era divisão da terra, aí os trabalhadores começaram a entender. Sim, também porque os sindicatos foram fechados, e os trabalhadores tavam com aquela esperança que ia haver reforma agrária, ter mais libertação, aí ficou aquela mágoa e gente foi preso, gente morreu, e os sindicatos foram fechado, não foi só o [...] de Quixadá pra você ter uma ideia.<sup>41</sup>

Embora relate não entender o significado do golpe, tinha conhecimento que, de uma maneira ou de outra, esse evento representou uma quebra no processo democrático brasileiro. Em sua narrativa, notamos que foi somente aos poucos que passou a compreender os significados

---

<sup>38</sup> Depoimento de José Lopes Filho em 22/04/2015.

<sup>39</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**. N.º 15, São Paulo: PUC, 1997. pp. 13-51. p. 17.

<sup>40</sup> Depoimento de João Ventura dos Santos de 80 anos de idade. Entrevista realizada pelo autor em Quixadá, em 03/12/2015.

<sup>41</sup> Depoimento de João Ventura dos Santos em 03/12/2015.



políticos do mesmo, principalmente quando percebeu sua contrariedade aos “interesses” da classe dos trabalhadores rurais, que almejavam a implantação da reforma agrária, enquadrada nas propostas reformistas defendidas por João Goulart.

Nesse sentido, o golpe teria interrompido conforme a memória do entrevistado um processo de mudanças na estrutura rural quixadaense e brasileira, atingindo expressivamente os movimentos sociais do campo, organizados sob a forma de sindicatos. O resultado disso tudo para o trabalhador rural foi, de acordo com João Ventura, um misto de tensões e sentimentos, os quais ele pontua como tendo ficado “aquela mágoa”, em virtude da não realização da reforma agrária e de transformações na esfera fundiária que proporcionassem melhorias nas relações de trabalho da classe.

No período, Quixadá, bem como grande parte do Ceará, passavam por momentos de profunda tensão no ambiente agrário, sobretudo no que diz respeito a cobrança da renda da terra, ocasionando constantes conflitos entre trabalhadores e proprietários. Isso foi algo que permeou de forma massiva todos os primeiros anos da década de 1960. Em matéria publicada pelo jornal *Terra Livre*, em 1963, foi destacada a intensa luta elencada pelos trabalhadores do Ceará contra as perseguições capitaneadas pelos proprietários frente aos camponeses que, até então, buscavam conquistar seus direitos por intermédio da organização sindical.<sup>42</sup> Os conflitos no campo se intensificaram à medida que os trabalhadores abraçaram as causas reformistas e a busca pelos direitos enquanto categoria social. Entretanto, essa experiência organizacional engendrada pela classe trabalhadora foi drasticamente interrompida com o fechamento dos sindicatos, como mencionou João Ventura em seu depoimento.

No ano de 1964, com 29 anos de idade, João Ventura residia no distrito de Ibaretama, zona rural do município de Quixadá, que posteriormente seria elevado à categoria de cidade. Somente na década de 1970 passou a morar na sede de Quixadá, onde começou a trabalhar como secretário geral no Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR). Em suas narrativas, observamos uma forte memória ligada aos tempos de trabalho, ao movimento sindical e as dificuldades vivenciadas pela classe trabalhadora, em meio às explorações praticadas pelos proprietários rurais na região. Sua memória resgata constantemente as formas de opressão sofridas por esses sujeitos no cenário quixadaense, sobretudo em inícios da década de 1960, quando se tem a mobilização dos trabalhadores através da sindicalização rural.

---

<sup>42</sup> Luta Organizada. *Terra Livre*, São Paulo, abril de 1963, p. 04.





Ao tecer suas memórias, recordou que, de certo modo, algo que atrapalhava no acesso a informações sobre o cenário nacional no período do golpe eram as limitações dos meios de comunicação. No entanto, recordou que:

Quando surgiu o golpe foi derrubando logo o Jango e uma junta militar composta por os quatro militares forte da época, um deles era o General Castelo Branco e um Ranieri Mazzilli e outros. Depois eles determinaram que quem ficava na primeira época era o Castelo Branco que era até cearense.<sup>43</sup>

Embora Castelo Branco tenha constituído um dos principais coordenadores da conspiração militar resultante no golpe de 1964, João Ventura enfatiza que seu governo “não foi muito ruim não”. Por ser cearense, acreditava que Castelo Branco tinha conhecimento das problemáticas enfrentadas pelos trabalhadores do campo, apesar de reconhecer sua colaboração para o sucesso do golpe. Num outro momento de seu relato, destacou não ter sofrido perseguição política após o golpe na cidade de Quixadá:

Eu não sofri aqui no Quixadá, eu não sofri perseguição de militares. Eu te disse anteriormente, que a gente fazendo assistência, num se reunindo, num fazendo propaganda, o que tinha muito medo e que fazia medo até o povo era ser comunista, num dando papel de comunista, até o quartel aceitava muito bem a gente. Eu fui muito querido aí quando entrei logo pelo delegado, deixava eu resolver questões de trabalhadores dentro do quartel, aquelas questões que a gente resolvia de acordo, ne?<sup>44</sup>

Algumas partes desse depoimento sugerem que o tempo em que o entrevistado fala provavelmente remeta-se à segunda metade da década de 1960 e meados da de 1970. Os indícios que apontam isso se desenrolam em dois momentos. No primeiro, isso ocorre quando João Ventura narra a respeito da impossibilidade da realização das reuniões no meio sindical ou rural. Esse período corresponde ao momento que segue ao golpe, onde ocorre a desarticulação de sindicatos rurais espalhados por todo o país, inclusive os de Quixadá. A reabertura dos sindicatos se dará somente em 1967, baseando suas atividades num caráter assistencialista<sup>45</sup>, o que talvez forneça uma explicação histórica para o fato de João Ventura ter mencionado a questão da “assistência” em seu relato. O outro momento de sua narrativa que fornece sinais que indicam uma temporalidade mais recente, relaciona-se ao período em que teve uma atuação mais significativa junto ao sindicalismo no município, ou seja, nos anos de 1970, quando atuou como secretário no Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

---

<sup>43</sup> Depoimento de João Ventura dos Santos em 03/12/2015.

<sup>44</sup> Depoimento de João Ventura dos Santos em 03/12/2015.

<sup>45</sup> Em Quixadá, com a reabertura dos sindicatos em 1967, passaram a ser oferecidos aos associados alguns serviços assistencialistas, a exemplo do tratamento médico e oftalmológico. Isso seria provavelmente a “assistência” na qual João Ventura descreve, ou pode indicar também uma “assistência” mais ligada as questões trabalhistas, intermediadas pelos sindicatos.



Além dessas questões já apontadas, o relato de João Ventura é bem significativo para demonstrar além de suas relações estabelecidas com os militares nesse momento histórico, a institucionalização de um medo ligado em sua maior parte ao comunismo. Esse medo era capaz de atingir de forma significativa várias camadas da sociedade brasileira, tendo materialidade própria nas inúmeras histórias transmitidas de boca a boca, de prisões, perseguições, entre outras ações praticadas contra sujeitos taxados como comunistas, o que talvez nos explique porque João Ventura destacou “que fazia medo até o povo ser comunista”.

A viva memória de João Ventura, nos mostra ainda um dos principais elementos que levaram ao desfecho do golpe: o anticomunismo entre alguns setores da sociedade brasileira. De acordo com ele:

Ave Maria! A palavra comunista naquele tempo [...] se dissesse que você era comunista a igreja tinha raiva de você, odiava que você levava aquele nome; os patrões tinham raiva, porque os comunista queriam pegar as coisas dos outros. E os trabalhadores da igreja, todo mundo vivia naquele tempo o catolicismo predominava, a igreja condenava: “meus filhos, cuidado! Não vão entrar no comunismo!”.<sup>46</sup>

As representações gravadas na memória de João Ventura acerca do comunismo denotam a força de um imaginário social criado ao longo do processo histórico brasileiro, mas que ganhou maior amplitude na década de 1960, mais em 1964. Segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta “na crise de 1964 o argumento mais forte apresentado nos discursos favoráveis à derrubada do governo foi o anticomunismo, mesclado às acusações de que Jango pretendia implantar um regime autoritário de esquerda”.<sup>47</sup>

Grande parte dessas questões, e do contexto político e social no qual país e a cidade de Quixadá perpassavam nesse período, vinha à tona aos poucos na memória de João Ventura, através da resignificação de suas experiências. Tudo isso nos mostrou como cada sujeito interpreta e organiza suas experiências sociais, além de como essas próprias experiências foram vividas, sentidas, seus trajetos, escolhas e hesitações. Em nosso caso, de uma maneira geral, acreditamos que existe um ponto chave no estudo da memória de moradores quixadaenses sobre o golpe de 1964. Esse ponto representa principalmente a problematização da memória socialmente construída em torno desse evento, percebendo que tão importante quanto reconstruir essa história, é compreender a própria memória sobre o golpe, dentro de seu conteúdo simbólico e imaginário,

---

<sup>46</sup> Depoimento de João Ventura dos Santos em 03/12/2015.

<sup>47</sup> MÓTTA, Rodrigo Patto Sá. O anticomunismo militar. In: Seminário 40 anos do Golpe de 1964. **1964-2004: 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004, p. 293.



levando em consideração as disputas de memórias travadas em torno desse acontecimento histórico na cidade de Quixadá.<sup>48</sup>

### Breves considerações finais

De acordo com Michael Pollak, existe uma competição e um conflito entre memórias concorrentes<sup>49</sup>. Uma tenta se afirmar como mais legítima do que a outra. Notamos a expressão disso durante o processo de realização e transcrição das entrevistas desse trabalho. Para alguns moradores de Quixadá, como no caso de José Lopes, homem de tradição política, durante o regime militar vivia-se uma democracia: “nós vivíamos num regime democrático naquela época, democracia”.<sup>50</sup> Já para João Ventura, homem do campo, inserido no movimento sindical, aquilo não poderia ser chamada de democracia:

Essa palavra democracia para o trabalhador rural, ainda é uma palavra um pouco estranha. Tem até gente que confunde burocracia com democracia ainda ne? Imagina naquele tempo, então eles comia, o político inteligentemente dizia: “não é muito democrata pra acontecer isso é democracia, a vida é assim mesmo” consolava os eleitores, consolava os moradores, o carro tinha 50 moradores 60. Tenha cuidado para não ir na onda de comunista, alguns enrolavam dizendo assim: “nós tamo numa democracia, o governo é muito bom, faz isso faz aquilo, tem médicos aí no sindicato, tem dentista de graça, o que vocês querem mais? Isso é democracia”. Aquilo não era democracia, na verdade não era. [...] Não porque aí era o tempo da tortura, como é que você se pode dizer que tinha democracia na época num canto que não podia fazer uma música, comentando o sofrimento do pessoal que tava sendo preso, que tava sendo torturado, que era colocado no navio e jogado no mar, ninguém podia nem falar nisso. [...] Isso é democracia um negócio desse?<sup>51</sup>

Essa narrativa mostra que nesse entrecruzamento de memórias existem distintas percepções sobre o passado, visto que a memória é “campo de tensões, é componente dos próprios processos de luta, ocupa um lugar específico na redefinição das relações de poder, sendo campo e instrumento de conflitos”<sup>52</sup>. O depoimento de João Ventura também faz refletir sobre a tentativa de legitimidade do regime militar brasileiro como democrático, pois tanto militares quanto civis que participaram do golpe de 1964 apareciam como defensores de uma dada forma de democracia, que segundo eles, buscava a normalização da legalidade. Esse discurso se estendeu durante todo o tempo em que a ditadura se manteve ativa, inclusive em seus momentos mais repressivos.<sup>53</sup>

<sup>48</sup> ARAÚJO, Maria Paula. Disputas em torno da memória de 68 e suas representações. In: FICO, Carlos e ARAÚJO, Maria Paula (Orgs.). **1968 – 40 Anos depois: História e Memória**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009, p.17.

<sup>49</sup> POLLAK, Michael. Memória, silêncio, esquecimento. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3 – 13. p. 04.

<sup>50</sup> Depoimento de José Lopes Filho em 09/09/2015.

<sup>51</sup> Depoimento de João Ventura dos Santos em 03/12/2015.

<sup>52</sup> MAIA, Edmilson Alves. **Memórias de luta**, p. 260.

<sup>53</sup> REZENDE, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade: 1964-1984**. Londrina: Eduel, 2013, p. 68.



Perante isso, verificamos assim que as narrativas de João Ventura, João Eudes, José Lopes e Raimundo Viana apontam para uma direção na qual percepções múltiplas sobre um dado acontecimento histórico emergem. O importante nesse caso é levarmos em consideração aquilo que Alistair Thomson chama de “as várias camadas da memória individual e a pluralidade de versões sobre o passado, fornecidas por diferentes narradores”<sup>54</sup>. É preciso entender também que, embora cada um deles nos relate variadas experiências sociais, fruto de diferentes vivências ao longo de suas trajetórias de vida, compartilham daquilo que podemos chamar de uma mesma “estrutura de sentimentos”<sup>55</sup>, ou seja, em seus depoimentos estão presentes traços de um mesmo contexto político, social e histórico, embora esses traços sejam apresentados de formas distintas em cada composição de memória.

Rememorar 1964 para esses sujeitos apresenta-se não como uma ação do passado, mas, sobretudo do presente. Os acontecimentos ocorridos no âmbito nacional e local nesse ano, podem até serem esquecidos, descartados, apagados, porém, do ponto de vista social, as coisas não aparentam ser tão simples assim. “Lembremos, no entanto, que temos uma grande vantagem em relação aos que viveram 1964: sabemos o final da história”<sup>56</sup>. Diante disso, temos a noção de que cada memória, experiência e lembrança desse período, por mais subjetividades que contenham, ampliam o horizonte de compreensões sobre o golpe de 1964 em Quixadá, e acima de tudo, denotam como foi construída sua imagem por parte de sujeitos históricos, que por meio de reminiscências desses anos mostram traços da época, à medida que vão reelaborando suas memórias no seio das relações sociais.

O silêncio rompido sobre os desdobramentos do golpe na cidade possibilitou dar maior visibilidade a sujeitos e vozes nem sempre ouvidas, ou relegadas da compreensão histórica. Fez com que novos atores sociais viessem à baila, mostrando seu papel e a importância de suas memórias na reconstrução do passado, seja através de memórias individuais ou coletivas. Assim, tratar de 1964 a partir da memória, significa buscar entender uma fase difícil e cheia de simbologias dentro da história do país, na qual assim como a memória, é alvo de constantes disputas políticas que vão se ressignificando com o passar do tempo.

Foi tendo em mente isso que buscamos analisar as diferentes memórias que, entre outras coisas, nos possibilitaram reconstruir algumas percepções e tensões geradas por um acontecimento

---

<sup>54</sup> THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória**, p. 57.

<sup>55</sup> WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 130.

<sup>56</sup> CASTRO, Celso. Os militares e a memória do regime de 1964. In: Seminário 40 anos do Golpe de 1964. **1964-2004: 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004, p. 278.



histórico que traz consigo significados diversos para os que o presenciaram e para os que tiveram notícias dele através dos jornais, canais de TV, documentários etc. Apesar da ampla bibliografia brasileira que trata do tema, muito ainda resta a ser aprofundado no conhecimento de um passado que, como apontou Walter Benjamim, “traz consigo um índice misterioso que o impede a redenção”.<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 223.